

3ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

O aniversário de Cecília

Giselda Medeiros

Aquela noite ficara marcada para sempre no calendário da família Diogo Malta. No casarão, havia luzes contrastando com a penumbra aflita que vestia a alma de Cecília.

Durante dois anos, ela estivera presa aos leitos de hospitais. O câncer a consumia lenta e devastadoramente. Mas, nem uma palavra de revolta, jamais, maculara-lhe a boca sorridente de dor. Santificava-se pelo sofrimento. Porém, naquela noite, havia uma penumbra aflitivamente feliz na alma e nos olhos de Cecília, que completava 20 anos.

Dali, de sua cadeira de rodas, Cecília via a todos. Os tios, os primos eram a sua família. Os pais, vítimas de um desastre, deixaram-na com eles. Acolhida, fora amada por todos. Isso, agora, vinha-lhe à mente. E ela ergue os olhos por alguns instantes em direção aos tios, Júlia e Bernardo. Uma grossa lágrima lava-lhe as faces magras. Lágrima de reconhecimento e de saudade. Quantas dores houvera lhes dado. E uma outra maior, ainda por vir! Pende a cabeça sobre o peito, desoladamente.

- Que há, Ceci?! - acorre Júlia, assustada.

- Nada, não, tia. Apenas uma leve tontura. Já vai passar.

- Está gostando da festa? Podemos cantar os parabéns, agora, querida?

Cecília nada responde. Só pensa. Imagens de sua primeira infância descem sobre ela em cenas desordenadas. Jorram como cascatas, descendo dos penhascos do inconsciente, para a corrida célere nas várzeas do presente. Revê a mãe a oferecer-lhe o seio intumescido de leite. Flagra-se sugando-o avidamente. À frente dela, o pai, semblante iluminado pela emoção do momento. Não compreendia por que aquela imagem viera-lhe, agora, tão nítida. Jamais lembrara-se dela. Por quê, somente aos vinte anos?

Assustou-lhe a presença de alguém. Sentiu a cadeira empurrada para o centro da sala. E um coro de vozes cantando, cantando, mais

perto, mais longe, mais longe, mais perto. Seus olhos sonolentos iam sendo sequestrados por uma tênue luz, cortando a escuridão longínqua. E ela fitava, fitava aquela luz mortiça, que serpenteava diante dela, lacrimejante, lúgubre, como aquelas vozes distantes que ensaiavam uma nota triste num canto alegre.

Novamente, os seios fartos da mãe. E Cecília tem fome e sono. Fome de vida eterna. E sono de liberdade. Na languidez dos olhos, o tênue fio de luz assoberba-se como o infinito. E o que é o ser ante o infinito? Apenas um sopro desintegra-o. No entanto, esse mesmo sopro pode reanimá-lo. Sabia. Ela sabia verdadeiro o pensamento de Pascal: *"O homem é nada comparado ao infinito; é tudo, comparado ao nada"*.

Era assim que se sentia. Nada e tudo. Tudo e nada. Uma dimensão. Um ponto somente. Mas, o seio lácteo da mãe ali estava. Ao seu alcance. Tinha fome, não tinha? Sorver-lhe o conteúdo era imperioso.

Um rojão de aplausos e de vivas pareceu-lhe soar distante. Tão distante! O que seria? Que importância poderiam ter as vozes e os aplausos tão distantes? Não. Não. Nada agora lhe agradaria mais do que o peito rijo de sua mãe, jorrando leite. Leite que ia sugando silenciosamente, olhos fechados, no gozo de um prazer inextinguível.